

Eduardo Petersen:
A caminho de Marte

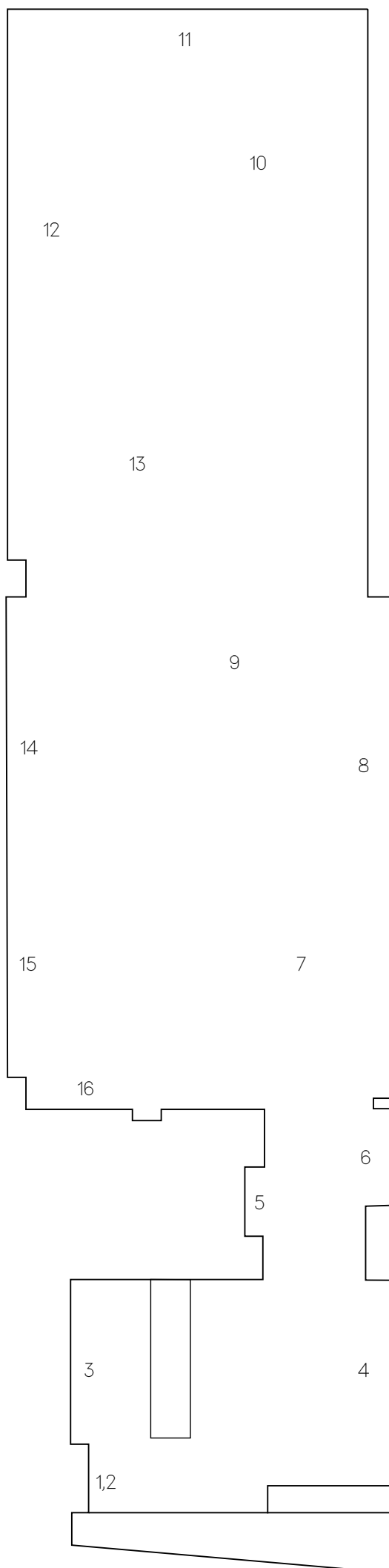
Sismógrafo
12 Out/Oct – 9 Nov 2019

Curadoria/Curated by:
Óscar Faria

Inauguração/Opening:
Sáb 12 Out 17:00

Conversa com artista
e curador/Talk with
the artist and curator:
Sáb/Sat 9 Nov, 17:00

Rua da Alegria, 416
4000-035 Porto
sismografo.org
facebook.com/sismografo
[#sismografo](https://twitter.com/sismografo)



1. Auto-retrato/ Self-portrait, 2014
acrílico sobre mdf / acrylic on mdf
25 x 20 cm

2. Sem título / Untitled, 2006
bronze
3.2 x 65 x 23.5 cm

3. Sem título / Untitled, 2010
bronze
3 x 27 x 15 cm

4. Explaining a poor woman and her daughter why some people deserve better houses, 2019
óleo sobre mdf / oil on mdf
30 x 40 cm

5. Sem título / Untitled, 2010
bronze
85 x 18 x 3 cm

6. Sem título / Untitled, 2012
bronze
76 x 33.5 x 1.5 cm

7. Sem título / Untitled, 2010
bronze
15.5 ø x 5 cm

8. Jarra com rosa / Vase with a rose, 2019
óleo sobre tela / oil on canvas
33 x 41 cm

9. Sem título / Untitled, 2009
bronze
40 x 40 x 0,7 cm

10. Sem título / Untitled, 2010-2013
bronze
dimensões variáveis / variable dimensions

11. Banhista / Bather, 2019
acrílico sobre tela / acrylic on canvas
33 x 41 cm

12. Sem título / Untitled, 2010
ouro / gold
6 x 4.5 x 4.5 cm

13. Sem título / Untitled, 2012
bronze
70.5 x 88.5 x 39.5 cm

14. Sem título / Untitled, 2010
carvão sobre papel de arroz,
charcoal on rice paper
140 x 67 cm

15. Sem título / Untitled, 2006
bronze
9.6 x 130 x 23.5 cm

16. Sem título / Untitled, 2016
grafite e tinta da china sobre papel /
graphite and indian ink on paper
28 x 35.5 cm

O ouro e o pão — Óscar Faria

São muitas as revoluções que atravessam a exposição *A caminho de Marte*, de Eduardo Petersen. Herdeiro de várias tradições artísticas e sociais, o artista apresenta um conjunto de desenhos, pinturas e esculturas que integra instantes individuais e colectivos e a forma como uns influenciam os outros. A história da arte e as conquistas laborais, os avanços e retrocessos nestes domínios, podem ainda ajudar a uma aproximação a uma mostra onde se procura não só tornar perenes mundos em decomposição, como também prolongar estados de exaltação criativa, sublinhando-se nessa dupla tentativa quer a vaidade dos homens, quer a possibilidade de superação desse individualismo através da constituição de uma comunidade de onde fosse erradicada para sempre a necessidade de explicar a uma criança a diferença entre os preços das casas. Nesse lugar, utópico por enquanto, também as naves extraterrestres teriam a sua voz, dando mais cor ao céu, maravilhando assim estetas e operários, agora juntos a tentarem aprender uma nova linguagem.

A caminho de Marte pode também ecoar outros sentidos, como “A caminho da arte” ou, numa declinação mais negra, “A caminho da morte”. Na proposta de Eduardo Petersen, estamos perante a questão do confronto do artista com o destino, tentando este nesse processo salvar os sinais que confirmam a sua passagem entre nós. A exposição inicia-se com um pequeno auto-retrato, no qual o rosto surge como camuflado pelas cores e gestos que o (de)formam, transformando essa pintura numa paisagem, na qual podemos ver uma montanha em cujo topo foi esculpida uma cabeça solar. Por baixo, a unir o chão e a parede, encontra-se uma escultura: bordão, taco de golfe ou pé-de-cabra, esta peça instaura a dúvida e abre lugar a especulações, pois, conforme a interpretação, ela pode sugerir relações com os universos da religião, da alta burguesia ou do lumpemproletariado. Há ainda uma outra hipótese, porventura a mais plausível: ser este trabalho um exercício acerca de questões relacionadas com a tensão, o equilíbrio, o gesto do desenho, a forma de materializar uma presença no espaço. Esta é uma dúvida que irá surgir ao longo da exposição: a polissemia de cada obra apenas serve para revelar o seu último sentido, que é o confronto com a nossa própria finitude.

Não será por acaso que muitos dos trabalhos apresentados nos conduzem através de uma espécie de campo-santo, com as suas lápides, túmulos, espelhos, representações de “vanitas”, um nariz em ouro, figuras da culpa, as quais se redimem depois de simbolicamente decapitadas – o auto-retrato inicial não deixa de ser uma decapitação, podendo esta ser também interpretada como um corte com a pintura. A exposição encerra mesmo com uma mesa onde uma série de bronzes fixando frutos e legumes, alguns em decomposição, oferece ao olhar do espectador limões, laranjas, maçãs, pastinacas, abóboras, bafatas doces e rábanos. Bem próximo, uma outra mesa, vazia, constitui-se ela mesma como um monumento funerário. Tudo na sala parece petrificado, mesmo quando a cor invade, por breves instantes, o espaço do Sismógrafo: o “Banhista” sem rosto parece eternamente esquecido pelo horizonte, iniciando o trajeto de devir areia, pó: uma construção à beira-mar. E, à paisagem visível na outra pintura desta sala falta a jarra com rosa evocada no título, deixando-nos assim perante uma ausência: essa revolução apenas iniciada, imaginada, mas ainda por cumprir.

Daí ter esta exposição um cariz político muito acentuado. O tempo urge e não devemos adiar mais as nossas decisões. Um desenho mostra-nos o rosto de uma revolta, de uma sedição. Ele olha para nós, para o futuro. Naquele instante, não sabe ainda as consequências da sua acção. Aprendamos com esse olhar. E também a ver, na escultura colocada na sua vizinhança, uma peça entre o bordão de S. José e uma pata de Leão, um outro sinal dessa dimensão política desta mostra, pois aquele santo, carpinteiro de profissão, é hoje o padroeiro dos trabalhadores.

Em carta enviada a Italo Calvino, datada de Julho de 1974, Pier Paolo Pasolini diz ter saudade do “ilimitado mundo camponês, pré-nacional e pré-industrial, que sobreviveu até há poucos anos (...)”. E adianta, um pouco mais à frente, “Os homens deste universo não viviam na ‘Idade do Ouro’ porque não estavam comprometidos, senão formalmente, com a Itália do pós-guerra. Viviam na ‘Idade do Pão’, como lhe chamou Chilanti, isto é, eram consumidores dos bens estritamente necessários. E era isso, talvez, que lhes tornava estritamente necessária a sua vida pobre e precária, porque, como se sabe, os bens supérfluos tornam supérflua a vida”.

Pode ser quase lida como uma fábula, esta exposição de Eduardo Petersen: “O ouro e o pão”. Moral: que um dia não seja mais necessário explicar a uma pobre mulher e à sua filha o facto de existirem pessoas que merecem viver em melhores casas. Porque não existe argumentação possível: a habitação é um direito. A arte também.

Eduardo Petersen (Lisboa, 1961) vive e trabalha como juiz. A sua formação académica passou pela Cooperativa Árvore, com um curso de Desenho (Porto, 1997-1999) e pela School of Visual Arts, através da International Summer Residency (Nova Iorque, 1999). Fez o Curso Básico de Desenho e Escultura e o Curso Avançado de Artes Plásticas da Ar.co (Lisboa, 2001-2004) e o Independent Studies Program, na Maumaus, (Lisboa, 2008-2009). Expõe individualmente desde 1993, das quais se destacam: *E agora Sr. Dr.?*, Galeria Lóios (Porto, 1998) e *Do you love me?*, no Hotel Forte de São João Baptista, (Vila do Conde, 2000). Participou no *Prémio EDP Jovens Artistas 5ª edição* (Coimbra, 2005), e nas exposições colectivas *Espaço Interpress* (com António Bolota e Teresa Henriques) (Lisboa, 2006) e *Straight ahead and then turn*, Espaço Avenida (Lisboa, 2008). Conta também com diversas colaborações, nomeadamente com André Catalão, Agostinho Gonçalves e Paulo Lisboa: *Ultra Trajectvm*, Expodium (Performance, Utrecht, Holanda, 2011), *Hotchpotch*, Lx Factory (Colectiva, Lisboa, 2010) e *Otia Tvta*, Palácio Quintela (Performance, Lisboa, 2009). Colaborou com António Leal, Cristina d’Eça Leal, Ana Pissara e Diana Simões na vídeo instalação *No tempo da melancia*, Espaço Avenida (Lisboa, 2010). Participou também em dois projetos com Marta Caldas, Armanda Duarte, Mariana Ramos, Maria Teresa Silva e Thierry Simões: *Elevação, Suspensão, Afinação*, Parkour (Lisboa, 2014) e *Caixa de Contar*, uma peça especialmente concebida e produzida para a biblioteca do Morro do Céu, MAC, Niterói, Rio de Janeiro (Lisboa, 2010).

The gold and the bread — Óscar Faria

There are many revolutions that cross the exhibition *On the way to Mars* by Eduardo Petersen. Heir of various artistic and social traditions, the artist presents a set of drawings, paintings and sculptures that integrate individual and collective moments and the way they influence each other. Art history and labour rights achievements, progress and setbacks in these fields, can also help to bring us closer to a show that seeks not only to make decaying worlds perennial but also to prolong states of creative exaltation, underlining in this double attempt both the vanity of men and the possibility of overcoming this individualism through the constitution of a community from which the need to explain to a child the difference between house prices was eradicated forever. In this place, for now utopian, alien spaceships would also have their voice, giving more colour to the sky, thus marvelling aesthetes and workers, now together trying to learn a new language.

On the way to Mars may also echo other senses, such as “On the way to art” or, in a darker inference, “On the way to death.” In Eduardo Petersen’s proposal, we are facing the question of the artist’s confrontation with destiny, trying in this process to save the signs that confirm his passage among us. The exhibition begins with a small self-portrait, in which the face appears camouflaged by the colours and gestures that (de)form it, transforming this painting into a landscape, in which we can see a mountain on whose top a solar head was carved. Underneath, joining the floor and the wall, we find a sculpture: stick, golf club or crowbar, this piece creates doubt and gives rise to speculation, for, according to the interpretation, it may suggest relationships with the universes of religion, the upper bourgeoisie or the lumpenproletariat. There is yet another hypothesis, perhaps the most plausible one: that this work is an exercise on issues related to tension, balance, the gesture of drawing and how to materialize a presence in space. This is a doubt that will arise throughout the exhibition: the polysemy of each work only serves to reveal its ultimate meaning, the confrontation with our own finitude.

It is no coincidence that many of the works presented lead us through a kind of cemetery, with its tombstones, tombs, mirrors, representations of “vanitas”, a golden nose, figures of guilt, redeemed after symbolically beheaded - the initial self-portrait is still a beheading, which can also be seen as a break with painting. The exhibition ends with a table where a series of bronzes setting fruits and vegetables, some in decay, offers the viewer lemons, oranges, apples, parsnips, pumpkins, sweet potatoes and horseradish. Nearby, another table, an empty one, becomes a funerary monument. Everything in the room seems petrified, even when colour briefly invades Sismógrafo’s space: the faceless “Bather” seems eternally forgotten by the horizon, beginning the journey of becoming sand, dust: a seaside construction.

And the landscape visible in the other painting of this room lacks the vase with rose evoked in the title, thus leaving us before an absence: this revolution that has just begun, imagined, but still unfulfilled. Hence this exhibition has a very strong political nature. Time is running out and we should no longer postpone our decisions. A drawing shows us the face of a revolt, a sedition. He looks at us, to the future. At that moment, he does not yet know the consequences of his action. Let us learn from that look.

And also, to see in the sculpture placed in its vicinity, a piece between the stick of Saint Joseph and a lion’s paw, another sign of the political dimension of this show, for that saint, carpenter by profession, is today the patron saint of workers.

In a letter to Italo Calvino dated July 1974, Pier Paolo Pasolini says he misses the “unrestricted peasant, pre-national and preindustrial world that survived until a few years ago...”. And later he adds: “The men of this universe did not live in the ‘Golden Age’ because they were not, but formally, committed to postwar Italy. They lived in the ‘Bread Age,’ as Chilanti called it, i.e. they were consumers of strictly necessary goods. And that, perhaps, was what made their poor and precarious life strictly necessary for them, because, as is well known, superfluous goods make life superfluous.”

This exhibition by Eduardo Petersen can almost be read as a fable: “The gold and the bread.” Punchline: that one day it will no longer be necessary to explain to a poor woman and her daughter that there are people who deserve to live in better houses. Because there is no possible argument: housing is a right. So is art.

Eduardo Petersen (Lisbon, 1961) lives and works as a judge. His academic background was at Cooperativa Árvore, with a drawing course (Porto, 1997-1999) and in the School of Visual Arts, through the International Summer Residency (New York, 1999). He also took the Basic Course in Drawing and Sculpture and the Advanced Course in Fine Arts at Ar.co (Lisbon, 2001-2004) and the Independent Studies Program at Maumaus, (Lisbon, 2008-2009). He has been exhibiting individually since 1993, in projects such as: *E agora Sr. Dr.?*, Galeria Lóios (Porto, 1998) and *Do you love me?* at Hotel Forte de São João Baptista, (Vila do Conde, 2000). Petersen participated in the *EDP Young Artists Award 5th edition* (Coimbra, 2005), and in the group exhibitions *Espaço Interpress* (with António Bolota and Teresa Henriques), (Lisbon, 2006), *Straight ahead and then turn*, Espaço Avenida (Lisbon, 2008). He also has several collaborations, namely with André Catalão, Agostinho Gonçalves and Paulo Lisboa: *Ultra Trajectvm*, Expodium (Performance, Utrecht, Netherlands, 2011), *Hotchpotch*, Lx Factory (Collective, Lisbon, 2010) and *Otia Tvta*, Quintela Palace (Performance, Lisbon, 2009). He collaborated with António Leal, Cristina d’Eça Leal, Ana Pissara and Diana Simões in the video installation *No tempo da melancía*, Espaço Avenida (Lisbon, 2010). He also participated in two projects with Marta Caldas, Armanda Duarte, Mariana Ramos, Maria Teresa Silva and Thierry Simões: *Elevação, Suspensão, Afinação*, Parkour (Lisbon, 2014) and *Caixa de Contar*, a piece specially designed and produced for the Morro do Céu library, MAC, Niterói, Rio de Janeiro (Lisbon, 2010).

A exposição de Eduardo Petersen é uma proposta de Thierry Simões./Eduardo Petersen's exhibition is a proposal by Thierry Simões.

Agradecimentos/Acknowledgments: Thierry Simões, Óscar Faria, Hernâni R. Baptista, Pedro Huet e restante equipa do Sismógrafo/and the rest of Sismógrafo's team.

Esta exposição tem o apoio de/
This exhibition is supported by:



A programação do Sismógrafo para 2019 tem o apoio do Programa Criatório da Câmara Municipal do Porto./ Sismógrafo's programme for 2019 has the support of Programa Criatório by the Municipality of Porto.

Porto.

O Sismógrafo tem o apoio de/
Sismógrafo is supported by:

